

SEMÂNTICA-PRAGMÁTICA: SISTEMA DE FUNÇÕES SINÉRGICAS
E SINCRÔNICAS INDISSOCIÁVEIS
SEMANTICS-PRAGMATICS: SYSTEM OF INSEPARABLE SYNERGIC
AND SYNCHRONIC FUNCTIONS

Reginaldo Nascimento Neto
Universidade Federal do Tocantins
nadyhu@ifma.edu.br

RESUMO:

Este artigo pretende demonstrar que a divisão entre a Semântica e a Pragmática tem impedido a compreensão de um sistema de funções sinérgicas e *sincrônicas indissociáveis que opera* sem anulação recíproca. Parte-se de um vislumbre da história dos paradigmas das ciências e, em seguida, apresentam-se exemplos diacrônicos, diafásicos e diastráticos da concepção variacionista da língua/linguagem, bem como a análise de algumas palavras em contextos diversos para evidenciar que o significado advém por meio da operação de sistema semântico-pragmático indissociável.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica, Pragmática, Sistema.

ABSTRACT:

This article aims to demonstrate that the division between semantics and pragmatics has blocked the comprehension of a system of inseparable synergic and synchronic functions operating in those two sciences without a reciprocal annulation. It starts from a glimpse on the science paradigms history and, after, examples of diachronic, diaphasic, and diastractic elements of the variation conception of language are shown, as well as the analysis of some words in several contexts to evidence that meaning comes by mean of an inseparable semantic-pragmatic system operation.

KEYWORDS: Semantics, Pragmatics, System.

1. Introdução

Este artigo se propõe a defender o postulado de que a Semântica e a Pragmática formam um sistema complexo de componentes imbricados e indissociáveis que administra o equilíbrio compensatório na oscilação comutativa que se dá entre os eventos de maior e menor ênfase de suas funções, sem que

uma engrenagem suplante ou anule a outra, visando à produção de significado. Isto é, ainda que, em certos momentos, o significado de uma sentença pareça depender unicamente de condições extralinguísticas, e em outros, só do campo linguístico, ele não vem à existência pela ação isolada de um desses fatores.

A metodologia empregada cumpre os seguintes passos: 1. À princípio, selecionar lexemas aleatoriamente do dicionário de Aurélio Buarque. 2. Em seguida, elencar o protótipo ou primitivo semântico da palavra alvo da investigação. 3. Consultar as acepções e empregos da palavra em questão em sites de busca da *internet*. 4. Selecionar alguns trechos do texto onde a palavra é empregada. 5. A partir daí, substituir a palavra por sinônimo ou por uma pseudopalavra e observar a suposta variação do significado da palavra em questão.

Se a substituição ou ocultação da palavra não comprometer o significado da sentença, o pragmático exerce mais influência na produção do significado. Se há comprometimento ou desvio do significado primitivo, então a Semântica apõe maior ênfase na significação. 6. Observar se o comprometimento ou não do significado pela evaporação do contexto e consequente salinização do semântico, apenas compensa ou descarta o pragmático. Observar também se o comprometimento ou não do significado da palavra pelo mascaramento e resultante extrusão do pragmático, compensa ou descarta o semântico. 7. Comparar a oscilação de ênfase entre a Semântica e a Pragmática, bem como suas relações de pareamento para a significação desse item lexical em várias situações de uso.

O artigo está organizado em três seções além da introdução e considerações finais, e conta com a contribuição bibliográfica de Ferrarezi (2013), Ducrot (1984), Ilari e Galdi (1985), Chierchia (2003), Cançado (2013), Marcuschi (1994) e Oliveira (2001) entre outros.

A primeira seção trata da possível origem do paradigma analítico das ciências por meio da divisão e especificidade de cada epistemologia. A segunda seção aborda a impossibilidade de demarcar fronteiras claras entre os domínios da Semântica e da Pragmática. O terceira propõe que a significação se dá por meio da movimentação simultânea das engrenagens semânticas e pragmáticas em exercício sincrético porém comutativo que oscila entre maior e menor vigor de suas funções. Enfim, aplica-se a teoria discutida na análise de exemplos conforme a metodologia proposta.

A hipótese suscitada neste trabalho é que não há Semântica sem Pragmática e nem vice-versa.

Com o objetivo de investigar e identificar a oscilação de ênfase no pareamento das funções semânticas e Pragmáticas, analisam-se alguns lexemas empregados em várias sentenças extraídas de site de busca na internet para testar a veracidade da hipótese.

2. A etiologia da divisão de epistemologias

O óbelo (*obelus*) é um símbolo constituído por dois pontos paralelos sobrepostos, entremeados por uma curta linha horizontal, isto é, um travessão (\div). Conforme Cajori (1928), este sinal foi primeiramente empregado para representar a divisão por Johann Heinrich Rahn em 1659 em seu livro: *Teutsche Algebra*, onde fundiu convenções contidas em *Clariss Mathematicae* de William Oughtred, 1639.

São alguns propósitos da divisão: transmitir a ideia de partilha (um pouco para cada parte); dissentir (desavença) e compartimentalizar (organizar em grupos). Portanto, pode-se empregar a divisão para:

- I. Distinguir as várias artes de um todo como em:
“Uma árvore divide-se em raízes, tronco, galhos e folhas.
- II. Demarcar limites físicos ou teóricos:
“A ponte da Amizade divide o Brasil do Paraguai.”
- III. Apontar uma variedade de pontos de vista:
“A medida provisória desse governo dividiu a opinião pública.”
- IV. Repartir alguma coisa de forma equitativa:
“Dez mil e quatrocentos litros de água foram divididos em três caminhões-pipa.”
- V. Informar quantas vezes uma certa quantidade pode estar contida na outra:
“Duzentos mililitros é a divisão de um litro por cinco.”
- VI. Dissentir ou desunir:
“A herança dividiu a família.”

Dessa forma, a perspectiva matemática concernente à divisão, sub-reptiamente estabelece a existência de fronteiras.

Ao se considerar o parentesco ou pertinência da Matemática com o desenvolvimento do Método Científico, percebe-se que esse congraçamento fossilizou o paradigma de que a ciência deve subdividir seus saberes dentro de fronteiras bem definidas. Paradigma para Kuhn (1962) “é a constelação de crenças e valores de uma comunidade científica.”

A filogenia dessa cosmovisão parece remeter-se à Aristóteles (385-322 a.C.), porque é possível garimpar embriões do paradigma compartimentalista da ciência quando Aristóteles, conforme Alande (1967 p.240), distingue *a dialética e a analítica* e divide as ciências em *teóricas, práticas e poéticas*. A poesia era segmentada em *Lírica, Ilegíaca, Épica e Dramática*.

Para Bacon (1561-1626), a simples disposição ordenada de dados tornaria óbvia a hipótese. Para tanto, quatro regras são instauradas: evidência, análise, (o que implica em quebra das partes), síntese e enumeração (HEGENBERG, 1976, p. 117).

Descartes (1596-1650) sucede Bacon postulando que tudo deve ser abordado sob a base das partes que compõem o todo - pormenorização setorial, isto é, para compreender o todo basta entender as partes desse todo.

Comte (1798 - 1857) pensava que a natureza é composta por classes de fenômenos e dividiu o conhecimento em seis ciências distintas entre si: a Astronomia, Química, Física, Filosofia, Física Social e Matemática. Esta última, ele hierarquizou adjetivando-a de Ciência Superior, por causa de seu patrocínio à abstração e, nesse prisma, supostamente dela dependeriam todas as outras ciências. Obviamente ele não tinha ainda atinado de que “é a linguagem que tem de ser interiorizada acima de tudo” pois, “com a linguagem; e por meio dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são interiorizados com valor institucional definido.” Berger e Luckmann (1994, p. 180).

É verdade que, pelo uso de princípios científicos, o homem descortinou a ignorância e melhorou a qualidade de vida da humanidade, no entanto, o legado histórico outorgado pelo paradigma divisicionista fez proliferar ramificações epistemológicas que isolam os saberes, e às vezes, até mesmo as operações sincrônicas indissociáveis e indispensáveis à complexidade de sistemas em compartimentos fechados, o que pode contrapor-se ao progresso, eclipsando o conhecimento integral.

3. Semântica/Pragmática: fronteiras possíveis?

Nesta seção, apresenta-se a ideia de que não é possível definir as fronteiras entre o que é semântico e o que é pragmático, embora essa tentativa sectária das ciências persista no campo linguístico. Para tanto, evocam-se para esse debate, Basso e Ferrarezi (2013), Ducrot (1984), Ilari e Galdi (1985), Chierchia (2003), Cançado (2013), Marcuschi (1994) e Oliveira (2001), por meio de seus escritos.

Basso e Ferrarezi (2013) organizam um trabalho intitulado *Semântica, Semânticas*, prefaciado por Rodolfo Ilari, que permite vislumbrar as dimensões que o estudo do significado assume.

Ao pluralizar o termo *Semântica*, Basso e Ferrarezi (2013) dizem logo que, se dispõem a apresentar uma introdução das vertentes da Semântica como a Argumentativa de Oswald Ducrot (1984); Cognitivista – Lakoff Johnson (1980); Computacional – Pulmann (2007); Cultural – Manzali (1998); Enunciação – Delesalle (1986); Formal – Noam Chomsky (1957); Lexical, etc.

No entanto, é amplo o campo de infindáveis discussões entre a Semântica e a Pragmática. Ilari e Galdi (1985) rompem com a tradicional definição de Semântica e promovem mais questionamentos que respostas prontas ao afirmarem que o estudo da Semântica é um campo movediço, dado ao leque de diferentes tendências que exploram aspectos não tão claros do significado, o que, longe de ser um campo uníssono, é mais uma colcha de retalhos, na qual, a costura é por vezes complexa. Dessa forma, evocam Port Royal, Frege e Fillmore para corroborarem com a proposta de não se pretender a apresentação de soluções fechadas mas, viabilizarem-se reflexões e debates.

O argumento principal de Ilari e Galdi(1985) baseia-se no fato de que exemplos de paráfrases, sinonímias, hiponímias e hiperonímias, antonímias, polissemia, e a negação de sentenças “corrompem” suas definições tradicionais e mudam o significado dos termos e sentenças. Mais adiante, este artigo soma alguns aspectos de Etimologia (estudo da origem e evolução das palavras), Sintaxe (elementos e relações formais que interligam os constituintes da sentença); e o movimento dos elementos sintáticos dentro da oração) para corroborar com essa percepção.

A ideia de Semântica como “a ciência do significado” (Chierchia, 2003), isto é, o significado do significado - ancora-se em bases imanentemente linguísticas, enquanto que, para a Pragmática, o significado firma-se a partir do falante.

A acepção contemporânea do termo *Pragmática* deve-se ao filósofo Charles Morris (1938), e, suas bases na linguística foram lançadas por John

Austin (1990) e Paul Grice (1979). Dessa forma, a Pragmática tem a ver com o significado dinâmico que emerge em condições de uso, e a Semântica, no construto estritamente linguístico.

Excetuando-se os sincretistas, de modo geral, os teóricos de correntes Pragmáticas declaram que uma teoria do significado deve brotar das leituras de fenômenos oriundos de situações de uso da linguagem, isto é, da ocorrência de fenômenos observados no uso da linguagem.

Por outro lado, muitos semanticistas, os chamados puristas, asseveram que a teoria do significado tem que emergir da exegese inerente do termo ou sentença, independentemente da circunstância de uso pelo falante.

Mey (2001), da Sociopragmática, fala em “uma Pragmática voltada para o estudo da língua em contextos reais cotidianos, portanto da língua incrustada na totalidade da vida social e política”, tal qual Labov (1972) quando diz que “não existe língua sem um povo que a fale”.

Cançado (2013, p.21) menciona o fato de que “(...) existem algumas propriedades pragmáticas que sempre são relevantes, mesmo dentro de um estudo semântico”. A mesma autora também declara que “a Semântica não pode ser estudada somente como a interpretação de um sistema abstrato...”.

A partir das declarações de Basso e Ferrarezi (2013); Ilari e Galdi (1985); (Chierchia, 2003); Austin (1990); Grice (1979); Mey (2001); Labov (1972), Cançado (2013), Oliveira (2001) e outros, percebe-se nitidamente a existência de duas vertentes no que concerne ao significado e seu referencial teórico, o que, forçosamente estabelece limites entre elas.

No entanto, é possível demarcarem-se fronteiras entre as conexões lógico-semânticas e discursivas/argumentativas?

Um ponto em comum entre a Semântica e a Pragmática está no que diz respeito à necessidade de que uma teoria deve explicar a maioria dos casos que são submetidos ao escrutínio dessa teoria. Isto é, uma teoria precisa brotar da observação dos fenômenos para dar-lhes uma explicação. Não se pode inverter esse vetor, ou seja, produzir-se uma eisegese, manipulação ou criação de exemplos dissociados das condições e contextos de uso para que se adequem à teoria, com o finco de dar a ela validade ainda que falaciosa.

Decorre desse último conceito, a alegação de Oliveira (2001) concernente a reformulação de hipóteses e ao papel do semanticista:

“O primeiro passo nessa grande empreitada é abandonar os preconceitos linguísticos. Um semanticista não pode querer ditar o que as palavras ou sentenças têm que significar, mas observar como as pessoas utilizam as palavras e sentenças e

descrever esses usos procurando entender que ‘regras’ regem sua compreensão”. (OLIVEIRA, 2001, p.22).

Dessa abordagem, dá-se a impressão de que os fenômenos linguísticos da linha semântico-pragmática devem ser observados na intenção de se produzir um arcabouço teórico que dê conta de explicar a maioria desses fenômenos, e não o contrário.

A representação de um (\surd) pretende exemplificar que, como uma pirâmide invertida, não se pode decretar um código teórico compulsório e litigioso que tenta equilibrar desengonçadamente exemplos descontextualizados sobre um ponto teórico; enquanto que, o desenho de um delta (Δ) pode ilustrar como a área de base maior deve ser a observação dos fenômenos quando ocorrem, e, portanto, onde se deve edificar a estrutura teórica que abrigue os instrumentos de estudo e a observação sobre ela, para assim posteriormente engendrar-se uma relação de associativa representada pela ampulheta (\mathbb{S}).

Com a intenção de propor que a relação semântico-pragmática na construção do significado se dá por meio de um sistema (o todo é maior que a soma de suas partes) sincrônico irreduzível, e que, focar-se na distinção entre onde termina um domínio e começa outro é tarefa estéril, apresentam-se como que estando nas extremidades das discussões, citações de Oswald Ducrot (1984) e Ferrarezi (2010), sobre postulados de significado inscrito na língua versus o significado produzido pelos actantes no uso da língua respectivamente.

Para Ducrot (1984), o léxico tem na língua, uma significação que permite certas continuidades no enunciado e inibe ou impede outras. Para ele, essas continuidades produzem relações entre as palavras. Dessa forma, quando um enunciador expressa seu pensamento, instiga seu alocutário a replicar. Assim, Ducrot (1984) entende que “a argumentação está inscrita na língua, e é inerente a ela, está na própria natureza da língua”, por conseguinte, supostamente seria possível explicar o significado do signo sem a utilização do extralinguístico.

Marcuschi (1994) discorda quando, com pensamento similar ao de Lakoff (2002), declara que “a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Sendo assim, não podemos entender a língua como uma estrutura autônoma, alheia à realidade dos falantes e imutável”.

Seria possível entender o que significa a sentença: “por favor, me passe a manteiga, porque eu gosto”, sem o uso do extralinguístico? Não é possível tratar de sentido literal e figurativo aqui, dadas as óbvias limitações deste artigo, mas efetivamente a língua por si só não expressa o real significado que pretende, nem tampouco só o contexto dissociado dos elementos semânticos.

Ducrot (1984) apresenta dois tipos de articuladores argumentativos denominados de normativos (portanto, por isso, conseqüentemente, etc.), e transgressivos (no entanto, apesar de, mesmo assim, etc.), para alegar que eles dispensam o extralingüístico. Isto é, o primeiro segmento não pode ser entendido se não estiver conveniado ao segundo.

Considerando-se que os blocos argumentativos podem ser positivos ou negativos, Ducrot (1984) assera que em um enunciado como *Pedro estuda, por isso é bom aluno*, o primeiro bloco seria positivo e evocaria uma outra continuação positiva e impediria as negativas, como *Pedro estuda, por isso é mau aluno*.

No entanto, o contexto pode tornar a sentença *Pedro estuda, por isso é mau aluno*, uma combinação significativa. Por exemplo, ao se inserir o dêitico *ali* ou *naquela escola*, e existe o conhecimento implícito de que *aquela escola* é de má qualidade, ou destinada a alunos menos competentes ou esforçados, o próprio sentido do verbo estudar é alterado assumindo a conotação de frequentar escola, tornando a sentença viável. Outra possibilidade é, sem a inclusão do dêitico, o contexto fazer a sentença ser uma resposta à pergunta desdenhosa *Pedro estuda naquela escola?*

Mediante o tecido teórico de Ducrot (1984), os enunciados carregam orientações argumentativas na própria língua, e daí supõe poder-se garimpar a informação que os enunciados carregam em si, sem a utilização de fatores extralingüísticos.

Por outro lado, Recanati (2004) afirma que “não existe o que a sentença diz”, ou seja, não há referencialidade determinada pela linguagem. Além disso, ele sustenta que não convém extrair o significado pragmático do que é dito a partir do dito semântico, ao que soma a crença na inexistência de um sentido literal.

Embora aparentemente este artigo concorde com o autor no que se refere ao vetor do sentido hoje parecer ser Pragmática=>Semântica como abordado acima, não anui à ideia de que o inverso não seja, ou tenha sido um sistema funcional, porque, ainda considerando-se o conceito de sistema (Gestalt) e de complexidade (Morin, 2008), não se pode dizer que um determinado léxico não tem sentido algum a ver com sua família semântica e etimológica, mas sim, apenas com seu contexto. Isto é, não convém declarar que, em um discurso, *cachorro* não tem nenhuma pertinência com a raiz ou componentes etimológicos e semânticos primordiais, assim como também não é próprio concluir que esse léxico só tem a ver com seu valor semântico fechado e nada mais. A mecânica lexical e o movimento pragmático que ela realiza fundem-se em uma cooperação mútua para propósitos funcionais de significação. Isso remete à origem da língua, e a uma discussão que polariza quem veio primeiro, o ovo ou a galinha.

4. Interface Semântica e Pragmática

Um sentido primordial convencional fora necessário para que um sentido secundário ou pragmático fosse cunhado. A matéria-prima semântica pode ter sido condição implícita para a construção do significado, mas isso não descarta que esse significado tenha sido moldado em condições de uso. No entanto, segundo os estudos de Chomsky, da gramática gerativa, pode-se inferir que, assim como, há programado inerentemente no cérebro humano uma competência para a linguagem e construção sintática, então, também haja algo de primordial na Lexicologia e na Semântica.

Porém, a que se propõe este artigo, é apoiar que a Semântica e a Pragmática, no que se referem aos seus postulados principais, são um sistema de componentes imbricados para o exercício simultâneo com o propósito da produção de significados e sentidos. No entanto, parece haver um balanço compensatório comutativo que oscila entre maior e menor ênfase, ora na Semântica, ora na Pragmática.

Este diverge um pouco da visão sincretista de Bach (1989) no que se refere à homogeneidade da concomitância de trabalho ou ênfase de atuação Semântica e Pragmática nessa produção de sentido e significado. Supõe-se aqui que, a sinergia desses dois componentes linguísticos é oscilante e se dá em caráter comutativo à semelhança de linhas helicoidais, onde o pareamento do semântico e do pragmático consolida o significado. (Fig. A)

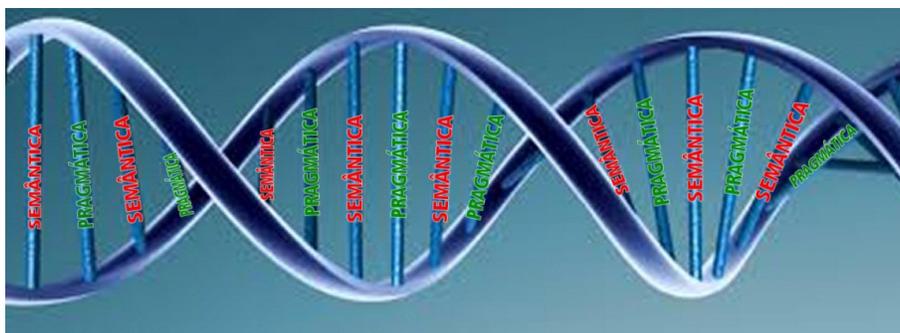


Figura A

Fita helicoidal da oscilação de ênfase entre as funções de cada elo do pareamento Semântica/Pragmática na produção do significado -
Desenhado pelo autor

Portanto, quando há maior lastro de condições Pragmáticas, o sentido apoia-se em maior grau no contexto e propósito do falante, assim, a Semântica contrai-se no cerne estrutural e analítico da sentença, mas não se anula; e vice-versa, quando as condições o exigirem em maior grau da Semântica, é a Pragmática que cede nesse movimento gangorra. Cabe ressaltar que em nenhum momento, esse sistema opera com uma de suas partes desassociada. (Fig. B).

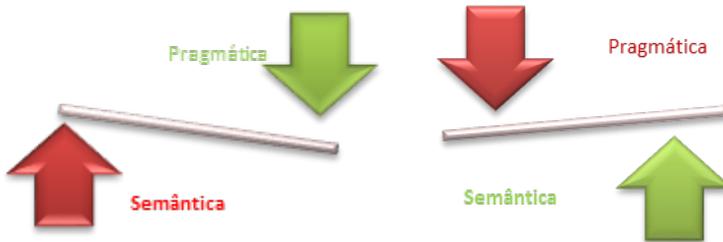


Figura B
Sinergia Oscilante entre Semântica e Pragmática
Desenhado pelo autor

Parece ser esse o motivo porque algumas correntes semânticas focam-se em recortes que evidenciam maior ênfase de sentido no que é puramente linguístico e, diversas correntes pragmáticas, no que decorre do extralinguístico, como por exemplo, os dêiticos. Mas em uma abordagem geral, a construção de sentido é complexa e integral.

Note-se como tal evento acontece nos exemplos (a), (b) e (c) que requerem Objeto Direto Preposicionado em Português dados abaixo:

- a) – Pedro chutou Paulo.
- b) - O cachorro mordeu o gato.
- c) - Os israelenses atacaram os palestinos.

É possível em português alterar a ordem do sujeito e do objeto, de forma que os exemplos acima podem vir na seguinte ordem:

- a1) – Paulo Pedro chutou.
- a2) – Chutou Pedro Paulo.
- a3) – Pedro Paulo chutou.

- b1) – O gato o cachorro mordeu.
- b2) – Mordeu o gato o cachorro
- b3) – O cachorro o gato mordeu.

- c1) – Os palestinos os israelenses atacaram.
- c2) – Atacaram os israelenses os palestinos.
- c3) – Os israelenses os palestinos atacaram.

Note-se que não é possível reconhecer o sujeito, isto é, aquele de quem o verbo fala, a não ser quando se transgredir a norma sintática inserindo uma preposição antes do objeto direto.

- a) – Pedro chutou *ao* Paulo.
- b) - O cachorro mordeu *ao* gato.
- c) - Os israelenses atacaram *aos* palestinos.

Em Grego, a declinação da palavra identificava a classe gramatical e, por isso, não importaria a ordem ou disposição lexical, tendo-se em vista que o Nominativo (Sujeito, e Complemento do Predicativo), o Dativo (Objeto Indireto) e o Acusativo (Objeto Direto) eram caracterizados, conforme o caso, com as desinências da 1ª. 2ª. ou 3ª. declinação.

No entanto, em Português, ao se lerem os exemplos acima, ainda que sem a inserção da preposição que transforma o complemento do verbo transitivo direto em objeto direto preposicionado, a intuição e a pragmática localizam Pedro, o cachorro e os israelenses como os sujeitos das orações (a), (b), e (c), no entanto, linguisticamente, há ambiguidade, não é possível, de fato se afirmar que sejam o sujeito da oração porque a movimentação do vocábulo dentro da sentença é possível em certa medida.

Por isso, um dos principais motivos da existência de um objeto direto preposicionado é claro: evitar ambiguidade entre sujeito e objeto, ainda que provoque incoerente transgressão na definição de o que seja um objeto direto, isto é, um complemento que não precisa de preposição. Bechara (2003a, p. 416), quanto ao objeto direto diz: *O complemento direto, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome), não introduzido por preposição necessária.* O mesmo autor (2003b, p.33) reafirma que o objeto direto é *O complemento verbal* não introduzido por preposição, mas, transgredir ao dizer que *o objeto aparece iniciado por preposição para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento.* (BECHARA, 2003b, p.33)

Tal situação não permite descartar o uso pragmático da linguagem, tão pouco deve-se ignorar que estão, concomitantemente em ação, legados semânticos. É importante considerar as palavras de Saussure (2000, p. 21) no que concerne à herança linguística quando afirma que “*língua é um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade*”. Essa riqueza se constitui à semelhança de como minérios valiosos cristalizam estalactites após escoar continuamente pelos filtros rócheos de cavernas úmidas.

O significado precede ao homem e a criação de significantes para representá-lo, tornando-o compreensível e comunicável, tem sido um árduo e complexo construto iniciado pelas gerações passadas e, sobre ele, a continuação da obra é legada às culturas subsequentes. Titiev (1963, p. 326) também pensava assim: *Toda língua reflete, até certo ponto, os antecedentes culturais dos que a falam e dá uma indicação não só acerca do seu universo, mas também da maneira como o interpretam*”.

Dessa forma, a representação primordial do significado alicerça a ereção de novos pavimentos desse prédio diacrônico que se sobrepõe, somando, ajustando, reduzindo, alterando, adaptando ou estendendo sustentação à sustentação. Turazza (2005) corrobora essa ideia da seguinte maneira:

[...] trata-se de representações esquemáticas, armazenadas na memória Semântica a longo prazo. Deste modo, este conjunto de conhecimentos de que os sujeitos dispõem, aumenta continuamente, possibilitando-lhes ampliar o funcionamento do sistema de representações de modo que, na maior parte dos casos, os sujeitos são capazes de produzirem a justa palavra, no momento certo, de maneira apropriada, compreendendo um texto, ou uma conversação sem rodeios reflexivos e sem a necessidade de buscar o sentido das palavras no universo lexical. (TURAZZA, 2005, p. 81).

As sociedades têm convencionado sistemas de significantes sobrepostos como *Tels* arqueológicos. Os estratos aterrados passam a ser sustentáculos semânticos que, em cooperação com o pragmático faz erigir a significação.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que há na língua um sistema sêmico complexo que rege as normas, que por sua vez governam a fala. O estatuto do sistema e da norma não é transgredido.

Por exemplo, pode-se mencionar que a escrita em português ocorre da esquerda para a direita. O padrão silábico C+V+C (vogal+ consoante+ vogal) é mantido. No que concerne ao significado, um lastro mínimo tolerável para o movimento dos elementos sintáticos, aqui denominados de *lexicocinese*, ocorre dentro da oração. Isto é, não se pode transgredir a ordem sistêmica convencio-

nal de artigo precedendo o substantivo, entre outros. A anarquia nesse quesito impediria a compreensão do enunciado.

Portanto, no exemplo acima, não se pode descartar a cooperação sinérgica da Semântica da Pragmática. Decorre daí que, embora a influência de cada uma no estabelecimento do significado não seja equitativa, é impossível de se precisar as fronteiras entre cada uma dessas forças. Além do que, tal tentativa se oporia ao pressuposto deste artigo.

Uma outra consideração que deve haver concernente à discussão acima, tem a ver com a variação de sentido e significado nas instâncias (I) Diafásicas, (II) Diatópicas, (III) Diastráticas, e (IV) Diacrônicas. Segundo Damke (1992) a língua/linguagem ocorrerem como fato social.

A língua/linguagem, no seu aspecto social, é o elemento indispensável para a comunicação e interação dos indivíduos dentro de seu grupo. Deduz-se que a língua não existe em si só, não pode, pois, ser definida simples e unicamente como um código de sinais. A língua/linguagem somente existe e se realiza de fato em situações sociais. (DAMKE, 1992, 21).

Tendo-se em vista que assim como a sociedade é mutável também o é a linguagem. Há como mencionado, instâncias variacionistas, como de (I) faixa etária ou ocasião, (II) de região geográfica, (III) de classe social e seus jargões, e (IV) de época, isto é, (I) diafásicas, do grego *Dia* -(*dia*) por meio de + *fasis* -(*phasis*) fala, (II) diatópicas, *Dia* -(*dia*) por meio de + *topos* -(*topós*) lugar; (III) diastráticas, *Dia* -(*dia*) por meio de + *stratos* -(*stratos*) camada ou nível, e (IV) diacrônicas *Dia* -(*dia*) por meio de + *kronos* -(*cronós*) tempo, respectivamente.

Observe-se a variação de sentido das palavras destacadas abaixo.

- I. Diafásica: O jogador é um *animal*.
 - a. (O significado de *animal* para um Jovem corresponde a um bom jogador).
 - b. (O significado de *animal* para um idoso corresponde a grosseiro e violento).
- II. Diatópica: A *bicha* era grande.
 - a. (O significado de *bicha* em Portugal corresponde a fila).
 - b. (O significado de *bicha* no Brasil corresponde a homossexual).

III. Diastrática: Escondi a *máquina*.

- a. (O significado de *máquina* para um criminoso corresponde a revólver).
- b. (O significado de *máquina* para um corredor de fórmula I corresponde a carro).

IV. Diacrônica: Naquele dia, o Senhor arrancará os enfeites delas: as pulseiras, os braceletes, (...) *os espelhos*... Bíblia (Isaías 3:18) escrito cerca de 600 anos a.C.

- a. (O significado de *espelhos* em 600 anos a.C. correspondia a vestido transparente).
- b. (O significado de *espelhos* no Século XXI corresponde a lâmina de vidro que reflete a imagem de objetos e pessoas).

Segundo Bakhtin (2000), os propósitos do falante são refletidos até na construção composicional do enunciado, isto produz variação de sentido também.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. Não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também na construção composicional. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Uma palavra pode cobrir um grupo de significados que se interseccionam com semelhanças páreas em um relacionamento semântico básico. Como se viu nos exemplos acima, linguagem e sociedade estão imbricadas. Lyons (1987, p. 293) diz que “*determinadas línguas estão associadas historicamente a determinadas culturas, e; as línguas em si só podem ser completamente entendidas no contexto das culturas nas quais elas estão encaixadas inextricavelmente*”.

Cabe aqui novamente defender que a cooperação sinérgica da Semântica e da Pragmática decorre da coexistência de equipamentos de significação procedentes de ambas correntes como se mostra doravante.

Os exemplos acima tecidos mostram uma interseção de significados múltiplos. Katz e Fodor (1963) apresentaram um exemplo de uma possível descrição lexical para o vocábulo *verde*, levando em conta a ideia de primitivos semânticos apresentados em frames ou estruturas conforme Ilari (1985, p. 48) *apud* Bidarra (2004, p.34).

Para tanto, serão analisadas as palavras (P_1) espelho, (P_2) cavalo, e (P_3) sua. Por meio da análise dessas palavras em múltiplos contextos (C) testa-se a veracidade da hipótese.

Abaixo, são apresentadas as definições das entradas P_1 , P_2 , e P_3 , conforme constam no dicionário de Aurélio (2001) e, em seguida, o emprego múltiplo que se faz delas em textos retirados da web com o fim de analisar a cooperação que se dá entre a Semântica e a Pragmática.

P_1 - Espelho

s.m. 1- Superfície refletora de raios luminosos. 2 – Objeto que serve para refletir imagens de pessoas e coisas. 3 – Modelo, exemplo. 4- Eng. Eletr. Tampa de caixa de derivação de condutor ou de uma caixa para interruptor ou tomada.

Ao se observar como o organizador do dicionário apresenta o significado da palavra espelho, percebe-se que ele elenca apenas quatro acepções, sendo que, de fato, a primeira e a segunda focam-se no aspecto refletor. Isso se dá, naturalmente porque sua etimologia remete à palavra latina *speculum* e *specere* – que significam *olhar; ver; contemplar*; portanto, o que *reflete o olhar de quem vê*.

No entanto, como visto acima no exemplo IV, concernente à variação diacrônica do significado, se a palavra *espelho*, (vestido transparente) fosse substituída por um sinônimo relativo a qualquer uma das acepções descritas pelo dicionário, como por exemplo, *refletor, retrato, placa* e ou *tampa*, o significado seria desvirtuado e não compreendido a não ser se mediante o conhecimento de mundo e da cultura daquele contexto pelos envolvidos na comunicação. O contexto, ou a circunstância dentro da qual uma determinada palavra é empregada, (doravante representado por C_x) e os fatores culturais ou extralinguísticos, neste caso, exercem maior influência na significação, embora, a Semântica da própria palavra não deixe de apresentar a ideia primitiva de reflexo e transparência. Isto é, não deixa de ocorrer cooperação entre o significado da palavra e seu emprego na significação dada pelo falante.

Notem-se os demais empregos de (P_1) nos seguintes contextos (C) abaixo retirados da web:

P_1 - C_1)

Este inchamento da madeira devido à absorção da umidade enfraquece a estrutura do material, fazendo com que a peça central já sensível da barriga, relati-

vamente fina, tenha menos resistência às forças enormes causadas pelas cordas. A combinação destes estresses na barriga e na resistência da madeira, no verão, causa um cavalete mais elevado, **espelho** mais baixo, e o oposto no inverno. Um outro efeito infeliz da umidade do verão é entortar e torcer o braço. O **espelho** de ébano e o braço de maple, de densidades diferentes, incharão diferentemente quando sujeitados à umidade, e a distorção pode começar ocorrer. <http://www.atelierdosviolinos.com.br/dicas.html>

Quando o texto aborda sobre o *inchamento da madeira pela absorção da umidade*, não é possível distinguir de imediato de que objeto ele está falando. As pistas lexicais fornecidas como partes desse objeto são *barriga, cordas, cavalete, espelho e braço*. No que se refere a **espelho**, seria possível imaginar que o significado supostamente fosse, de fato o objeto de vidro refletor de imagem, pois sua moldura bem poderia ser de madeira, e estar sobre um cavalete. No entanto, o que seriam cordas, barriga e braço nesse contexto? Ainda mais, não é a estrutura, mas o próprio **espelho** que é de ébano. Por esse motivo, o significado que o texto dá à palavra **espelho** não permite ao leitor encontrar um gabarito cognitivo (Pinker, 2000) adequado para esse objeto que se enquadre à definição puramente semântica. A significação ocorre à princípio, se o conhecimento prévio do leitor esclarecer que o C_1 é um contexto de como conservar melhor um instrumento musical de cordas. O endereço do site mencionado é também uma sinalização para a percepção do C_1 – atelier dos violinos.

O nome **espelho**, dado à esteira que cobre a parte frontal do braço do violino, tem uma extremidade que paira sobre o tampo e acaba em um hiato antes do cavalete, e sugere que o movimento dos dedos ao pressionar a corda seja uma alusão ao reflexo.

Dessa forma, a P_1 empregada no texto dentro de C_1 exige da Pragmática maior ênfase para sua compreensão apropriada, no entanto, não deixa de fazer referência, ainda que sub-reptícia, à ideia semântica de reflexo. Então, a onomasiologia de P_1 em C_1 está atrelada à metáfora. Decorre daí que, ambas engrenagens participam na confecção dessa significação.

$P_1 - C_2$)

Os degraus e **espelhos** de uma escada devem ter tamanhos que permitam um caminhar confortável e seguro. **Espelhos** muito altos exigem esforços exagerados na subida. <http://www.ebanataw.com.br/escada/escada4.htm>

O Cálculo das escadas se divide em duas etapas: o cálculo do conforto da escada e o cálculo da quantidade de pisos e **espelhos**.

Para o cálculo do conforto de escadas (ao subir ou descer), utilizamos a Fórmula de Blondel que é uma relação entre o tamanho do piso e do *espelho* da escada. O *piso* de uma escada comum varia de 25cm a 30cm e o *espelho* entre 16cm a 18cm.

Leitura da Fórmula de Blondel: a soma de dois *espelhos* mais um piso é maior que 63cm e menor que 64cm.

Assim, se uma escada tiver um piso = 28cm (mínimo exigido pelo Corpo de Bombeiros), o *espelho* (E) da escada será de 18cm. Essa foi a primeira etapa, nela definimos que a escada do exemplo terá um **Piso (P) = 28cm e um espelho (E) = 18cm**. <http://pedreira.com.br/escadas/calculo-de-escadas-passo-a-passo>

Se o texto que emprega a P_1 em C_2 substituísse P_1 por uma pseudopalavra como *litama*, a primeira sentença já induziria o leitor não envolvido com engenharia a pensar nessa palavra como designadora de uma parte integrante da escada, o que não acontece com *espelho*, pois o leitor alheio a C_2 , poderia imaginar P_1 como algo agregado ou decorativo. Se entendido puramente o significado da sentença *Espelhos de uma escada* e descartado o contexto, seria possível ter o mesmo sentido de *espelhos na escada*, fato este que, dependendo da posição do espelho, não traria conforto a quem subisse os degraus trajando saia...

Por outro lado, seria C_2 a entrega do espelho de uma penteadeira para o andar superior de uma residência ou escritório? Os adjuntos adnominais *alto* e *exagerados*, respectivamente referentes a P_1 e a *esforços*, sinalizam que C_2 refere-se ao desenho, estrutura, forma ou dimensão dos degraus de uma escada. Naturalmente as palavras vizinhas que orbitam P_1 criam condições favoráveis à significação geral do texto, somando informações que reduzem o astigmatismo de sentidos interpretativos do leitor e mapeiam os processos de categorização.

Por exemplo, a palavra *tamanho* desfaz a impressão de que poderia ser uma escada rolante ou revestida com carpete oriunda da possível insinuação da palavra *conforto*.

Nesse rumo, também o significado de *cálculo* abandona a imagem de quantidade de degraus que devem ser subidos, clareando o C_2 como sendo da construção de escadarias. Isso se dá por causa da modalização dada à palavra *cálculo* como pertinente à atividade da engenharia.

O entendimento puramente semântico da sentença “*espelhos muito altos exigem esforços exagerados na subida*” da escada, à princípio pode ser que, subir as escadas conduzindo, para um andar superior, os vidros polidos e metalizados, que refletem a imagem das pessoas, quando forem muito grandes, mesmo que não estejam enquadrados em uma mobília, requer o dispêndio de exaustiva força. No entanto, não é essa a significação a que o sistema semântico-pragmático afere.

Como visto, o sentido compartilhado das palavras orbitantes em P_1 em associação com o C_2 vão ajustando a compreensão do significado pretendido no texto. Nesta circunstância, percebe-se que as palavras não dão conta de referenciar a língua mas que, como disse Marcuschi (1994),” a língua é um conjunto de práticas sociais cognitivas, historicamente situadas, e não podemos entender a língua como estrutura autônoma, imutável e alheia à realidade dos falantes. Porém, em nenhum momento, esse sistema opera com uma de suas partes dissociadas.

Espelho possui história, mantém sua identidade etimológica, caráter estrutural de pertencimento à língua portuguesa, e caule participante dos novos significados que o contexto faz brotar por meio de comparações, associações, contraposições ou metáforas, mas, o sistema opera com cooperação mútua entre a semântica e a pragmática na construção da significação.

Decorre daí que o significado da sentença (SS) dissociado da significação do falante (SF) e ou, vice-versa não produzirá comunicação. Destituam-se as palavras que sintetizaram o contexto e ele não existirá. Elimine-se o contexto, e o significado desaparecerá também, porque a Semântica e a Pragmática formam um sistema complexo de componentes imbricados e indissociáveis que administra o equilíbrio compensatório na oscilação comutativa que se dá entre os eventos de maior e menor ênfase de suas funções, sem que uma engrenagem suplante ou anule a outra.

$P_1 - C_3$

Espelho do contracheque

por Anônimo - 16/02/2011 - 22:11

Por que não estou conseguindo tirar o *espelho* do contracheque? **Portal do Servidor: Caro, tire suas dúvidas aqui:** <http://www.portaldoservidor.ba.gov.br/webform/contracheque>

No contexto C_3 acima, a P_1 assume o significado de cópia ou imagem do contracheque, somente porque ocorre uma cooperação entre o exercício das funções semânticas e pragmáticas na produção da significação. Caso contrário, se a sentença *por que não estou conseguindo tirar o espelho do contracheque?* fosse entendida apenas por meio de recursos semânticos, o significado seria cômico ou, no mínimo, incoerente.

Note-se por exemplo, que, partindo do pressuposto de que *contracheque* seja o documento mensal que discrimina o salário a que faz jus, eventuais des-

contos e receita líquida paga pelo empregador ao assalariado, e que ele pode ser físico, isto é, impresso e fechado em forma de envelope, então, P_1 entendido como *refletor*, *retrato*, *placa* ou *tampa*, produz estranhamento. A palavra *do* em *do contracheque* pode assumir a designação de pertencimento, isto é, o espelho pertence ao contracheque, e o falante deseja tirá-lo ou privá-lo da posse do espelho, ou seja, tomar o espelho do contracheque desapropriando-o, porém não obteve êxito nessa ação. Por outro lado, se o *do* implicar no sentido de procedência, o falante pergunta por que não consegue extrair, retirar, arrancar um espelho de dentro do contracheque, obviamente, a resposta seria relativa à impossibilidade de um contracheque conter um espelho para que dele pudesse ser retirado.

Por certo, a significação mais condizente é a de *cópia do documento*. Essa é a intenção comunicativa do falante. A máxima de cooperação de Paul Grice (1979) torna possível que o equipamento estrutural semântico (*hard*) faça rodar a engrenagem pragmática (*soft*). Este conjunto de considerações, mostra novamente que fatores linguísticos estão imbricados com os extralinguísticos na produção de significação, pois, só o semântico conduziria a interpretações mirabolantes da sentença, e, só o por meio do extralinguístico, como o servidor solicitaria essa informação no site sem nenhuma colaboração do linguístico?

Palavra (P)	Contexto (C)	Significado	Significação
P_1 - Espelho	C_0 - Vestimenta, moda. C_1 - Instrumentos musicais de cordas – conservação. C_2 - Construção, engenharia. C_3 - Orientação a servidor	s.m. 1- Superfície refletora de raios luminosos. 2 – Objeto que serve para refletir imagens de pessoas e coisas. 3 – Modelo, exemplo. 4- Eng. Eletr. Tampa de caixa de derivação de condutor ou de uma caixa para interruptor ou tomada.	C_0 -Vestido transparente. C_1 -Esteira que cobre a parte frontal do braço do violino. C_2 -Parte horizontal de um degrau de escada. C_3 -Cópia ou imagem

P_2 – Cavalo

s.m. 1. Zoo. Mamífero equídeo, domesticado e de montaria. 2. Homem muito grosseiro, ou pouco inteligente; jumento, cavalgadura. 3. Ramo ou tronco em que se faz um enxerto. 4. Certa peça do jogo de xadrez.

O dicionário apresenta logo após a categoria gramatical de um verbete, a abreviação da palavra que designa o contexto $C_{(x)}$ daquela entrada, como *Acu* de Acústica, *Anat.* de Anatomia, *Bio*, de Biologia. No caso da (P) *cavalo*, aparece *Zoo*, referente à zoológico como a primeira acepção, portanto um hipônimo de animal.

A acepção de *homem muito grosseiro* é uma metáfora em que cavalo é o domínio fonte. Levando em conta a imagem de que o tronco é *montado* por um ramo, o mesmo ocorre com a acepção *enxerto*. A peça de xadrez, apresentada com variação número quatro, é uma imagem do cavalo. Sem evidências claras desse contexto, maiores explicações seriam necessárias em uma sentença como: *Um cavalo vale quase a mesma coisa que um bispo*. [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/CAVALO_\(xadrez\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/CAVALO_(xadrez)).

Os contextos abaixo apresentam outros empregos da P_2 .

$P_2 - C_1$

Esta doença sexualmente transmissível causada por uma bactéria que recebe o nome de *Haemophilus ducreyi*. É altamente contagiosa e pode ser transmitida durante o ato sexual sem o uso de preservativo. Quando recebe o devido tratamento o prognóstico é bastante favorável. Popularmente conhecido como *cavalo*, o cancro mole produz úlceras em homens e mulheres. O diagnóstico é fácil e o tratamento é simples, portanto, diante de qualquer sintoma, recomenda-se procurar auxílio médico. <http://www.saudemedicina.com/cancro-mole-dst/>

No contexto popular C_1 , a P_2 significa um sintoma ou indicação de uma DST – doença Sexualmente Transmissível denominada cancroide. A ligação ou referência ao animal cavalo não é facilmente assimilada nesse contexto.

Na sentença: *João está tomando remédio por causa do cavalo que ele tem*, dita por um mexeriqueiro de plantão, poderia produzir humor para uma parcela dos ouvintes, dada a ambiguidade ou aparente incoerência da sentença. Isto é, João está tomando remédio, mas é o cavalo dele que está doente. Ou, o constante galope de João sobre seu cavalo deixou-o doente, dentre outras possibilidades.

No texto acima, o $C_{(1)}$ permite que a palavra P_2 possa ser substituída, trocada ou mesmo ocultada sem prejuízo do significado que lhe é atribuído pelo texto. Assim, nesse caso, a pragmática mostra-se com maior ênfase na produção da significação pretendida, porém, não haveria significado algum sem a associação das palavras, e sentenças que se sincronizam ao direcionar a compreensão do texto.

$P_2 - C_2$

Não é de hoje que cientistas sabem que machos de *cavalo-marinho* ficam ‘grávidos’. Ele carrega os óvulos da fêmea em uma bolsa especial. Por isso, cabe a ela escolher o parceiro que seja maior e apresente mais ornamentos em seu corpo. É nele que ela vai depositar seus óvulos. Cientistas da Universidade de Sydney, na Austrália, agora conseguiram observar com mais detalhes o processo pelo qual o *cavalo-marinho* nutre os embriões. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150907_vert_earth_CAVALO_marinho_ml

O contexto acima fala de um cavalo-marinho, uma espécie da família dos *Syngnathidae*, que incluem ainda o peixe-agulha e o dragão-marinho. Portanto, P_2 tem aqui uma nova acepção. Em C_2 , P_2 não significa um equídeo e, muito menos domesticado para montaria. Quando se diz a premissa de que, *um cavalo tem quatro patas*, e que, *ao animal que tem quatro patas dá-se o nome de quadrúpede*, é possível produzir uma falácia com o significado de P_2 quando se conclui que *todo cavalo é um quadrúpede*. Como visto acima, DSTs não são quadrúpedes, cavalos-marinho também não o são.

 $P_2 - C_3$

Relação peso/potência: não deixe de fazer esta conta antes de comprar seu próximo carro! 23/07/2012

Cada cavalo do Golzinho carregará um pouquinho mais que 12 quilos. Nesta luta por consumidores jovens e dinâmicos percebemos que a Fiat fez o melhor oferecendo o Bravo T-Jet com recurso Overboost, o que faz com que ele consiga bons **8,40** Kg/cv quando utiliza os 163 cavalos de que dispõe.

Números não mentem, Cada cavalo do Golf 1.6 precisa arrastar **11,58 Quilos** e do 2.0 AT **10,49**. Veja que quanto menos peso por cavalo o carro carrega, mais reais do seu bolso ele leva. <http://www.noticiasautomotivas.com.br/relacao-peso-potencia-nao-deixe-de-fazer-esta-conta-antes-de-comprar-seu-proximo-carro/>

A P_2 em C_3 refere-se à medida de potência de motores automotivos. No entanto, as sentenças: 1. *Cada cavalo do Golzinho carregará um pouquinho mais que 12 quilos*, e 2. *Quanto menos peso por cavalo o carro carrega, mais reais do seu bolso ele leva*, se entendidas apenas semanticamente, obtém-se uma relação de propriedade dos cavalos pelo Golzinho, uma dicotomia entre cavalo e carro, isto é, os cavalos possuem um peso que, quanto menor for, mais vantajoso financeiramente será para o carro, para o cavalo ou para o dono do

carro ou do cavalo. Inclui-se também a dúvida se o peso do próprio animal é considerado ou não. Para que o texto seja entendido, semântica e pragmática têm que operar juntas na produção de significação.

$P_2 - C_4$

Saltos sobre o cavalo

Ele deve terminar com os dois pés dentro de uma área de 50 cm para a esquerda ou para a direita da extensão de uma linha que passe pelo meio do cavalo.

https://books.google.com.br/books?id=_vQ9DW01H4C&printsec=frontcover&dq=isbn:8575940295&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwimmKj7jsjLAhXLFZAKHSPkA3QQ6AEIHTAA#v=onepage&q&f=false pág. 260

A acepção de P_2 em C_4 traduz um aparelho de madeira com alças, industrializado para a execução de evoluções e saltos atléticas de ginastas. O entendimento semântico de *linha que passe pelo meio do cavalo* não representa o sua significação real, pois passar uma linha pelo meio do animal, quer em seu comprimento quer em sua largura, certamente feriria o animal.

$P_2 - C_5$

O processo de se transformar num *cavalo* é uma estrada longa, difícil e cara, cujos estágios na nação gueto podem ser assim sumariados: Para se iniciar como *cavalo*, a abiã precisa juntar dinheiro suficiente para cobrir os gastos com as oferendas.
<http://ocandomble.com/category/iniciacao/>

O contexto C_5 em que é empregada a P_2 também foi retirado da web e se refere nome dado àquele que passa pelo ritual de iniciação de transe na religião afro-brasileira do candomblé. O sentido da sentença: *O processo de se transformar num cavalo é uma estrada longa, difícil e cara*, se descartado o contexto, poderia receber a réplica de que mais longa, difícil e cara é a estrada para a educação da nação brasileira transformar um cavalo...

Naturalmente, o significado puramente linguístico ou semântico dessa sentença pressuporia a possibilidade da metamorfose do humano em cavalo. Por outro lado, a sentença *para se iniciar como cavalo, a abiã precisa juntar dinheiro suficiente para cobrir os gastos* expressa que essa mutação seria positiva bem como desejada, pois requer a necessidade de pagamento.

$P_2 - C_6$

Piloto fez *cavalo* ao aterrar avião - 26/11/2008

Um piloto fez um *cavalo* com o avião ao aterrar de emergência no aeroporto de Van Nuys. Com o trem de aterragem dianteiro partido e o nariz do Cessna parcialmente destruído, o piloto manteve o bimotor empinado enquanto reduzia a velocidade, para não incendiar no momento em que a fuselagem tocasse a pista. http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=1050100

Outra acepção para P_2 é encontrada também no contexto C_6 de aviação, que o texto acima refere como sendo uma *Virada violenta não controlável da direção do avião quando no solo durante o pouso, decolagem ou taxi, independente da vontade do piloto, devido a ter o freio pegado mais numa roda, vento de lado, defeitos do terreno ou mesmo descuido do piloto*. http://www2.anac.gov.br/anacpedia/por_ing/tr1547.htm

Em *Um piloto fez um cavalo com o avião*, encerra, sem o uso da pragmática, uma tarefa difícil, pois a natureza do avião é diferente da natureza de um animal. Só na associação de funções semânticas e pragmáticas que se faz possível a significação de P_2 .

Palavra (P)	Contexto (C)	Significado	Significação
P_2 - Cavalo	C_1 - Doença sexualmente transmissível C_2 - Comportamento de animal marinho. C_3 - Comparação de potência de carros. C_4 - Atletismo e regras para ginastas. C_5 - Ritual de culto afro C_6 - Aviação	s.m. 1. <i>Zoo</i> . Mamífero equídeo, domesticado e de montaria. 2. Homem muito grosseiro, ou pouco inteligente; jumento, cavalgada. 3. Ramo ou tronco em que se faz um enxerto. 4. Certa peça do jogo de xadrez.	C_1 - Doença C_2 - Espécie marinha C_3 - Medida de potência de motores. C_4 - Aparelho para ginastas C_5 - Médium C_6 - Manobra

 $P_3 - Sua$

Pron. Flex. De seu. *

*Seu Pron. Pertencente à(s), ou próprio da(s), ou sentido pela(s) pessoa(s) de quem se fala; dele(s), dela(s).

Em Português, a palavra *Sua* apresenta um espectro que causa considerável ambiguidade em muitas situações de uso. Algumas delas serão postas mais adiante.

Como pode ser observado na definição exibida acima como está no dicionário a palavra *sua* é o pronome *seu* flexionado para o gênero feminino e indica pertencimento à pessoa *de* quem se fala, portanto 3ª pessoa (ele ou ela). No entanto, *seu* ou *sua* também podem se referir à pessoa com quem se fala. Obviamente, o pronome *você* é redução de *vossa mercê* e *vosmicê*, e por isso, a conjugação dos verbos mantém a desinência de 3ª. pessoa quando se referem a *você*, embora seja com quem se fala. Tal situação, em circunstâncias reais de comunicação pode gerar ambiguidade como no seguinte exemplo:

- Eduardo, eu vi o Carlos e **sua** namorada ontem à noite, se beijando em uma praça mal iluminada perto de **sua** casa.

Eduardo é um vocativo, portanto a pessoa com quem eu estou falando. Mas, *sua* se refere à namorada de Eduardo, e por isso, eu sou a seringa que lhe injeta o reagente de ciúmes e ira? Ou, por outro lado, a namorada é de Carlos, e assim, o que minha informação faz é lançar suspeita sobre a decência de Carlos e até suscitar uma certa inveja em Eduardo, que não namora ninguém?

A segunda referência da palavra *sua* designa casa de Carlos ou casa de Eduardo? Em língua inglesa, essa ambiguidade não existiria pois, se a garota flagrada com Carlos em uma praça escura fosse a namorada de Eduardo e, a casa perto de onde eles estavam fosse a de Carlos, a sentença seria:

- Eduardo, I saw Carlos and **your** girlfriend last night kissing in a dimly lit square near **his** house.

O pronome **your** refere-se à de Eduardo e **his** à de Carlos. Assim é possível notar que, na realidade há dois significados para a palavra *sua* neste contexto.

P3 – C1

Como Acessar **sua** Conta

As informações do Bradesco em um único lugar.

Movimente **sua** conta com segurança, a qualquer hora e em qualquer lugar. Você só precisa da senha de 4 dígitos e do Dispositivo de Segurança Bradesco – Chave de Segurança Bradesco TAN Code, Token ou Token no Celular.

Sua senha de 4 dígitos pode ser cadastrada pelo Internet Banking, Fone Fácil, nas Máquinas de Autoatendimento ou em qualquer Agência Bradesco. <http://www.bradesco.com.br/html/classic/como-usar/como-acessar-sua-conta.shtm>

A P_3 usada no C_1 se refere à você, porque a função conativa da linguagem evidenciada pelo verbo *movimentar* no imperativo revela que a mensagem é destinada a quem se fala, portanto, *sua* também se refere ao receptor da mensagem. No entanto no contexto C_2 abaixo, isso não acontece como se pode observar.

$P_3 - C_2$

Em entrevista à Band News, o juiz afirmou que foi às manifestações de domingo (13) contra o governo, como “cidadão”, e que isso não interferiu em **sua** decisão. Sobre uma postagem na rede social dizendo que Lula ser ministro seria “esculhambação”, ele diz que foi uma “brincadeira”. “Todo juiz decide de acordo com o que está no processo e na Constituição Brasileira. <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/17/juiz-do-df-suspende-posse-de-lula-como-ministro.htm>

A P_3 refere-se à decisão do juiz *de* quem o texto fala, e tem sentido diverso de P_3 no C_1 . Tanto em C_1 quanto em C_2 , embora ocorra também a cooperação de funções semântico-pragmáticas, percebe-se que a função pragmática exibe maior ênfase. Todavia, como se notará no exemplo abaixo, P_3 tem um papel semântico de maior ênfase que o pragmático porque, se P_3 fosse substituída por uma pseudopalavra no C_3 , não seria possível entender seu sentido, e, de fato, até mesmo quando explícita na sentença, requer-se uma maior atenção ao significado dela para tornar o entendimento possível.

$P_3 - C_3$

- a. Encontro-a acamada, ela parece pálida e **sua** ureia alaranjada, que infesta todo o quarto, nunca havia visto nada parecido.

O sentido de P_3 em C_3 é o mesmo que se encontra no site que trata do uso de pontuação a seguir:

- b. Maria toma banho quente e *sua* mãe diz ela jogue água fria
 Maria toma banho quente, e *sua*. – mãe, diz ela: - jogue água fria. <http://pt.slideshare.net/Laguar/pontuao-37444745>

Com a pontuação, é possível perceber que P_3 em C_{3-b} significa o verbo suar, transpirar. Como visto, trata-se de um outro significado. O contexto não ajuda muito no exemplo acima, mas a semântica fornece com maior ênfase as condições de entendimento do sentido da sentença. A fase infantil de desenvolvimento da consciência semiótica, que, conforme Biderman (2001), os psicolinguistas denominam de fala holográfica, isto é, quando sentenças completas dos adultos são representadas por palavras isoladas, do tipo: *xixi* no lugar de preciso ir ao sanitário, ou *papá* por *quero comer*, ou *estou com fome*, se assemelha ao que ocorre no exemplo acima pois concentra todo o significado da sentença em uma palavra só. Ela é a porta de entendimento da sentença.

$P_3 - C_4$

A Manuela, querendo ser mais inteligente, disse: “Sua burra! <http://turmadamonica.uol.com.br/cronicas/voce-deve-se-orgulhar-do-sobrenome-que-tem-2/>

Uma outra acepção de P_3 é a encontrada em C_4 e significa *você é*. Em *Crônicas de Ada*, encontra-se o seguinte trecho que retrata o desabafo de Ada pela mudança do antes para o depois do casamento, e usa a P_3 com o propósito de retratar por metáfora como a mulher era e como depois passou a ser chamada pelo marido:

...quando de antes: Princesa, rainha, rosa, flor... Agora é o depois: *você é* uma cobra, *sua* cascavel, *sua* jiboia, *sua* baleia, *sua* bruxa, *sua* seca, perna de sacura, *sua* traste, perna de sucuri, *sua* pata choca, *sua* anta, *sua* besta, *sua* burra, oh inteligência, *sua* boba, lacraia, gorda, magricela, vaca atolada, bigoduda... https://books.google.com.br/books?id=TCBLBQAAQBAJ&pg=PA17&lpg=PA17&dq=cronicas+sua+burra&source=bl&ots=nK6dwadx1q&sig=E5RiHsXK6GBFvkZT8FUXrQBQruc&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiQ_KzunMjLahXLF5AKHUcUAnEQ6AEIKTAD#v=onepage&q=cronicas%20sua%20burra&f=false

$P_3 - C_5$

Além dos conceitos e aplicações da P_3 até agora vista em C_1 , C_2 , C_3 , C_4 , neste C_5 ela vem como nome próprio de um cananeu cuja filha se casou com Judá, um dos irmãos de José, filho de Jacó, na história hebreia como se segue:

Aconteceu, por esse tempo, que Judá se apartou de seus irmãos e se hospedou na casa de um adulamita, chamado Hira. Ali viu Judá a filha de um cananeu, chamado *Sua*; ele a tomou por mulher e a desposou. <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/38>

Palavra (P)	Contexto (C)	Significado	Significação
P ₃ - Sua	C ₁ - Propaganda conta Banco Bradesco. C ₂ - Reportagem decisão Juiz C ₃ - Calor ou febre C ₄ - Crônica da mulher ofendida C ₅ - História da Bíblia	<i>Pron. Flex. De seu. *</i> <i>*Seu Pron. Pertencente à(s), ou próprio da(s), ou sentido pela(s) pessoa(s) de quem se fala; dele(s), dela(s).</i>	C ₁ - Pertencente a pessoa com quem se fala C ₂ - Pertencente a pessoa de quem se fala C ₃ - Verbo suar, transpirar C ₄ - Você é C ₅ - Nome próprio

A variação de significados de palavras em diversos contextos e situações reais de fala é grande como pode ser visto no que foi declinado acima. É verdade que a pragmática traz à lume o propósito e funcionalidade da língua em uso na produção da significação, porém ela se utiliza de instrumentos semânticos, fato este que impede sectarismo entre as funções semântico-pragmáticas. O conceito semântico de cada lexema que os dicionários tentam reproduzir é incapaz de abranger todos os aspectos da língua como fonte, histórico, etimologia, acepções em múltiplos contextos, diacronia, diatopia, árvore lexical, litígios ideológicos que permeiam a etiologia dos conceitos e seus argumentos, e os diversos olhares, entre outros variadores do significado.

O dicionário, por ter uma visão caleidoscópica e facetada, confirma que não é possível demarcar fronteiras nas funções semânticas e pragmáticas, pois formam um sistema que põe em operação, com maior ou menor ênfase em determinadas circunstâncias comunicativas, ora o primitivo semântico da palavra, ora seu uso pragmático, porém nunca dissociados.

A importância de ambas funções se dá pelo fato de que, como visto acima, as palavras mudam de significado dependendo das condições pragmáticas em que se encontram em diversos contextos; mas o primitivo semântico participa com alicerces linguísticos nessa construção do significado.

Embora os contextos apresentados acima demonstrem sua força mutante no significado primitivo, e, por isso, os dicionários citam-nos em forma de *zoo.*, *acust.*, *eng.*, e outros, é vital compreender que são as primeiras acepções que demarcam o significado mais comumente empregado da(s) P em C geral

do imaginário social coletivo. Isto pode ser constatado pelo sentido dado ao maior número de ocorrências de uma (P) no site de pesquisa.

No entanto, o significado mais comumente empregado pode mudar e, outro passar a ser o mais comum.

A língua é dinâmica e emprega elementos semânticos fossilizados de forma pragmática, metaforizando, comparando, contrapondo, permutando e, ou substituindo conceitos. Este fato também pressupõe cooperação entre o semântico e o pragmático porque o produto pragmático se utiliza da matéria prima semântica, ora com maior ora com menos ênfase na produção do sentido.

A Pragmática tem seu papel de, mediante os diversos contextos onde a linguagem está em uso, criar condições favoráveis à compreensão do significado, mas não dissociada, pois se empregam sufixos e prefixos, bem como radicais com seu significado semântico fossilizado. Isto é, o prefixo (*a, an*) mantém seu significado de *não*. O radical *andro* sustenta o significado de *homem*; e *equi* ainda porta o significado de *igual, semelhante*. As mudanças mais acentuadas de significados nas palavras podem advir como resultado de alguma intersecção metafórica, ironia cristalizada ou outros fatores. Mas, se há independência absoluta entre o primitivo semântico e o significado atual em alguma palavra, isso não anula o vínculo maior e mais repetido existente entre a Semântica e a Pragmática. Isto é, o padrão Semântico subsiste como fundamento imbricado no Pragmático. Todas os exemplos acima, a despeito da variação de significado oriundo do uso, inserem-se dentro do padrão ou conjunto de regras fixas da língua. Esse padrão estrutural coíbe que, em inglês, por exemplo, o morfema *ng* de *clang* ocorra no início de uma palavra. Em português, *r* pode vir após um *p* como em *prática*, mas nunca poderia anteceder-lo para iniciar uma palavra.

Esse sistema padronizador subjaz o caráter morfológico, fonológico, sintático e diacrônico da língua, embora ela avance, manobre ou se desvie da etimologia por meio de invenções e adaptações que o contexto cultural exija gerando a evolução semântica, quaisquer mudanças ou movimentos de significado arvoram-se sobre raízes históricas.

Além disso, a evolução Semântica pressupõe que nesse deslocamento de significados houve uma força impulsionadora e vetor iniciais (causa) que estabeleceram a base Semântica primordial possibilitando as extensões futuras para novos significados (efeito). Portanto, há cooperação sinérgica da Semântica e da Pragmática, ainda que de causa e efeito.

5. Considerações finais

Ao se perorar este apanhado de considerações, chega-se à ilação de que a relação entre a Semântica e a Pragmática é um sistema de funções sinérgicas e sincrônicas indissociáveis para a significação das palavras, sentenças e textos. Decorre daí que, parece ingênua a concepção de que o significado esteja somente inscrito na palavra, sendo referencial e, então dispense o campo pragmático. Por outro lado, é também uma temeridade supor que não haja um sistema semântico vivo em operação, e que somente o contexto dê conta de referenciar o significado.

Em uma abordagem geral, depreende-se do postulado deste artigo que a sinergia dos componentes linguísticos da Semântica e da Pragmática é oscilante e se dá em caráter comutativo à semelhança de linhas paralelas onduladas, ou seja, quando há maior lastro de condições Pragmáticas, o sentido apoia-se em maior grau no contexto e propósito do falante, assim, a Semântica subjaz, mas não se anula, e, vice-versa, quando as condições o exigirem da Semântica. Em nenhum momento, esse sistema opera com uma de suas partes desassociada.

Com a teoria da complexidade, descobre-se cada vez mais que não há vãos ou fronteiras reais entre as epistemologias. Hoje, muitas das linhas imaginárias que historicamente dividiram fronteiras e desenharam supostos hiatos entre os saberes, progressivamente têm se tornado tênues e fenecem. De forma célere, estes vãos estreitam-se e definham porque as novas e constantes incursões peninsulares cada vez mais robustas do conhecimento interdisciplinar revelam um contínuo, que interliga as ciências e sugere que suas fronteiras são versáteis e efêmeras. Assim, supõe-se que o entendimento do significado em uma abordagem sincrética, de sistema comutativo indissociável e irreduzível pode ampliar as descobertas e o estudo da Linguística como um todo.

Referências

- ALANDE, A. *Vocabulário técnico y científico de la filosofía*. 2ª ed. Buenos Aires: El Ateneo, 1967.
- BACH, E. W. *Informal Lectures on Formal Semantics*. 2nd ed. New York: State University Press, 1989.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 a.

- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 b.
- BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. 11ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 248p.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Referência Thompson. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.
- BIDARRA, Jorge. *O léxico no processamento da linguagem natural*. Cascavel: Edunioeste, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística (Teoria Lexical e Linguística Computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAJORI, F. *A history of mathematical notations*, 2 vols. Lasalle, Illinois: The open court publishing co., 1928-1929 vol 2 p. 211.
- CANÇADO, Marcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas: Eduel, 2003.
- DAMKE, Ciro. *Linguagem e dialogia*: In: *Letras e Letras*. Cascavel, 1992, p. 19-25.
- DUCROT. Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.
- FERRAREZI, Celso. BASSO, Renato. *Semântica, Semânticas - uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HEGENBERG, L. *Etapas da investigação científica*. São Paulo: Edusp, 1976.
- ILARI, R.A. *Semântica interpretativa em sua fase mais antiga: Leitura de "Structure of a Semantic Theory"*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.8, p.48, 1985.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.
- KATZ, J.J.; FODOR, J.A. *Structure of a Semantic Theory*. Vol. 39, n. 2, *Language*. 1963.
- KUHN, T.S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma Introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. *Revista Veredas. V6 Nr1 p. 43. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa*. Minas Gerais, 1994.
- MEY, Jacob. L. *As vozes da sociedade. Seminários de Pragmática*. Tradução de Ana Cristina Aguiar, revisão da tradução Viviane Veras. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- MORIN, Edgard. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de MATOS, D. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Semântica formal: Uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- PINKER, Steven. *Como a Mente Funciona*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RECANATI, F. *Literal Meaning*. New York: Cambridge University Press. 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 24ª. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- TITIEV, Mischa. *Introdução à Antropologia Cultural*. 6ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste, 1963.
- TURAZZA, Jeni Silva. *Léxico e Criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.

Recebido em 30 de setembro de 2016.

Aceito em 14 de janeiro de 2016.